

No dia 5 novembro de 2007, Jornalistas&Cia circulou uma edição especial, a 615A, com uma entrevista de fôlego com os dois principais executivos da Infoglobo, o diretor-geral **Paulo Novis** e o diretor de Negócios Corporativos **Agostinho Vieira**. Foi uma entrevista de mais de duas horas que eles concederam a mim e a editora regional **Cristina Vaz de Carvalho**. Daquela experiência e do desejo de abrir espaço para que se pudesse conhecer um pouco melhor a alma de alguns de nossos mais importantes jornalistas nasce agora a série Jornalistas&Cia ENTREVISTA. Ela chega com a proposta de mensalmente trazer para nossos leitores informações relevantes e curiosidades de personagens que povoam o nosso dia-a-dia, o nosso imaginário e, porque não dizer, os nossos corações, ídolos que são para muitos de nós.

A série abre com **Zuenir Ventura**, jornalista e escritor consagrado internacionalmente, que tem uma carreira premiada, com passagens por alguns dos mais importantes veículos de comunicação do País. Além da entrevista que concedeu a **Célia Chaim**, e que publicamos na íntegra, o especial destaca todas as obras escritas por Zuenir e também o passo a passo de sua carreira. O tempero, além do texto da Célia, fica por conta de uma crônica de **Luís Fernando Veríssimo** publicada anos atrás no Estadão e que aqui resgatamos, e do texto com uma síntese da participação de Zuenir no *Roda Viva* que foi ao ar no dia 14 de abril.

Boa leitura!

Eduardo Ribeiro

## ZUENIR VENTURA - Quem lê nunca esquece

Por Célia Chaim

Zuenir Ventura é um dos principais nomes da imprensa brasileira. Trabalhou como repórter, redator e editor de jornais e revistas, ganhou os prêmios *Esso de Reportagem* e *Vladimir Herzog de Jornalismo* em 1989. Além de crônicas, é autor de livros como os *best-sellers* *1968 – O ano que não terminou e Cidade partida*. E já está nas livrarias *1968 – O que fizemos de nós*, sobre o que ficou daquele ano inesquecível. Quatro décadas depois, Zuenir foi atrás da herança deixada por aquela geração polêmica, de ouro. Zuenir torce pelo Fluminense, tem dois filhos – Mauro e Elisa – e uma mulher que se chama Mary, sua doce companheira há 45 anos.

Seu Zezé e dona Neném puseram no mundo um presentão para os brasileiros, o jornalista e escritor **Zuenir Ventura**. Aconteceu em Além Paraíba, Minas Gerais, no dia 1º de junho de 1931. Terceiro dos quatro filhos do casal Antônio José Ventura, seu Zezé, e Herina de Araújo, dona Neném, começou a trabalhar cedo, na adolescência, primeiro como ajudante do pai, pintor, depois como contínuo do Banco Barra do Piraí, faxineiro do Bar Eldorado, balconista da Camisaria Friburgo, professor primário do Colégio Cêfel. Zuenir é terno, um chefe que se impôs pela competência e não pelo grito, um intelectual sem soberba, dono de uma escrita rara e de um amor eterno por Mary, também jornalista, sua mulher há 45 anos. Êpa! Nada de injustiças: na vida real, esse mineiro que se tornou carioca é o marido de Mary, uma doce criatura que, ele admite, o conduziu. “Mary manda em mim”.

Zuenir passou por São Paulo em 14 de abril para acertar o lançamento de seu novo livro, *1968 – O que fizemos de nós*, que che-

ga às livrarias pela Editora Planeta. No livro, retorna a 1968 para, a partir daí, investigar o que restou da herança daquele que muitos consideram o mais polêmico ano do Século XX. *1968 – O ano que não terminou*, escrito por ele e lançado há 20 anos, é referência para o estudo da década de 60, *best-seller* com mais de 40 edições e 400 mil exemplares vendidos. “Minha preocupação é buscar no mundo de hoje o que nasceu ou se desenvolveu em 1968”, explica. “O que teve origem nesse ano e não se perdeu no tempo? Há respostas para muitas perguntas. O movimento da periferia tem conexão com os movimentos sociais da década de 60? Que caminhos tomaram a juventude, a política e a sociedade a partir dos movimentos que tiveram seu auge em 68?”

O livro é dividido em duas partes. Na primeira, Zuenir busca o caminho percorrido por 68 nestes 40 anos, e vai descobrir traços dele até em *raves*, assim como encontra remanescentes dos Meia-Oito no governo e na oposição. A droga, então idealizada, seria a herança maldita



Fotos: Cacalo Kfourri

daquels tempos? A liberdade sexual pós-pílula e pós-Aids seria uma conquista daquela geração? E os jovens de hoje? Estariam perdidos em meio ao consumismo ou encontram na causa ecológica e nos movimentos sociais de periferia uma nova luta? Seria a globalização o novo inimigo a ser enfrentado? Dialogando com ícones da geração de 68 e com jovens de hoje, ou valendo-se de pesquisas e estudos, Zuenir encontra pessoas que se lembram com carinho de 68 e quem não quer mais saber dele. Ele escreve: “É possível que no Século XX tenha havido um ano igual ou mais importante do que 1968, como defendem alguns. Mas nenhum tão lembrado, discutido e com tanta disposição de permanecer como referência, por afinidade ou por

contraste. Ao se comportar como se fosse um ser animado, suspeita-se que 1968 não foi um ano, mas um personagem inesquecível e que teima em não sair de cena”.

No livro, Caetano Veloso, o compositor da trilha sonora daqueles tempos, aponta a mudança de comportamento da sociedade como o melhor legado de 68: “O melhor foi as meninas de família passarem a poder transar com os namorados, em muitos casos dentro da casa dos pais. O pior foi a volta da religião”. Perguntado se o socialismo ainda tem algo a dizer, ele resume: “O desejo de superar as injustiças sociais sempre terá algo a dizer”. Daquela época, Caetano só tem uma saudade, “ser jovem”.

Naquela mesma noite, em São Paulo, Zuenir Ventura ocupou a cadeira principal do programa *Roda Viva*, da TV Cultura (ver **Cesar Benjamim: o rosto de 1968**). No sábado, 19, abriu o coração na crônica *Pânico na TV*, publicada no jornal O Globo, sobre sua sofrida experiência. Um trecho: “Sofro antes, durante e sobretudo depois... Na véspera, torço para que o programa ou o convite seja cancelado. No dia, alimento a esperança de que um becloute repentino tire a estação do ar. Ou então que um grande acontecimento, uma catástrofe, desvie todas as atenções para outros canais e não deixe nenhum amigo assistir o meu vexame. (...) Comparado comigo, Verís-

simo é um Bial ou um Jabor”.

E olha que o magnífico escritor e cronista **Luís Fernando Veríssimo** passa longe, sempre, de microfones, gravadores e – Deus o livre! – de uma câmara de tevê. Mas Deus não livrou Zuenir de, poucos dias depois, ser um dos entrevistados de **Jô Soares**. Estava mais à vontade, deu risadas, foi aplaudido pela galera e mostrou que, se nunca vai ser um galã de novela, sempre será um dos melhores jornalistas do País.

Zuenir e Mary voltaram para casa dois dias depois da passagem por São Paulo. A casa é um apartamento em Ipanema que lhes permite ver o mar, atrás da avenida Vieira Souto, caminhar pela orla, comer sua saladinha de alface e tomate que Vera, a

grande Vera, prepara, sabendo que esse é o seu almoço diário e que a “refeição” mesmo é só no jantar. Zuenir e Mary vivem ali, felizes da vida. “Gosto muito do Rio”, ele afirma. Quem não gosta de uma das cidades mais bonitas no mundo, a “cidade maravilhosa” do País? É perigosa e violenta? “É uma tragédia”, ele diz, como dizem os paulistanos sobre a insegurança em São Paulo. A diferença insuspeita é que o Rio é o Rio que mora no mar, o Rio de Janeiro, fevereiro e março, de Gilberto Gil; o Rio da Garota de Ipanema, de Tom Jobim e Vinícius de Moraes. É o Rio de Janeiro.

A seguir, a íntegra da entrevista que ele concedeu a J&Cia ENTREVISTA.



*“A geração de 68 queria tudo a que não tinha direito; a atual tem tudo do que precisa e por isso se apresenta cheia de ambigüidades e paradoxos. Desapegada ideologicamente, essa turma bem de vida e de poder aquisitivo não se interessa pela política, não tem preocupações sociais e não protesta nem contesta, pelo menos na forma como faziam seus antecessores. É uma geração auto-centrada.”*

**Jornalistas&Cia** – A primeira pergunta seria sobre 1968 – O que fizemos de nós. Mas, seguindo réstias do espírito anárquico de 68, começo por Mary, a co-autora de sua vida. Como vocês se conheceram?

**Zuenir Ventura** – Eu estava em Paris com uma bolsa de estudos e era correspondente do jornal

**J&Cia** – Além de tudo que Mary significa para você, ela toma conta da sua “desorganização”, ao que parece...

**Zuenir** – Por conta própria, sou capaz até de marcar dois compromissos na mesma data e no mesmo horário. Ela, não, é organizada.

**J&Cia** – Também por conta própria, você deixou que seu amigo, Luís Fernando Veríssimo, escritor, cronista, músico amador e humorista, flagrasse as suas meias “espetaculares” num debate entre candidatos à Presidência da República...

**Zuenir** – Eu gosto de meias coloridas mas nem estava com elas nessa ocasião. Foi uma brincadeira de Veríssimo. **(Nota da redação:** Um dia depois, em crônica publicada no jornal O

Tribuna da Imprensa, de Carlos Lacerda. Quando voltei para o Brasil e para o jornal, ela estava lá, como repórter. Aí a gente começou um namoro que dura 45 anos já. O que é uma coisa muito rara hoje. Outro dia participava de um programa com o Veríssimo e ele disse que era casado há 44 anos com a Lúcia,

Estado de S.Paulo, o escritor Luís Fernando Veríssimo, comentando o debate que Zuenir mediou entre candidatos à Presidência da República, escreveu que uma rápida pesquisa da platéia no fim das entrevistas teria dado um resultado: “as meias do Zuenir Ventura para presidente” – leia a crônica no quadro **As meias de Zuenir**).

**J&Cia** – Seu livro chegou às livrarias antes do lançamento oficial e já está passando de mão em mão numa velocidade que, tudo indica, poderá ser mais um best-seller do Zuenir escritor. Acho que a grande curiosidade de quem viveu e dos filhos e netos daquela geração é saber sobre o que mudou.

**Zuenir** – Mudou, mudou muito. Acho que esse meu mergu-

achou que era recordista. Quando eu disse que tinha 45, ficou meio sem jeito. E aí ficamos procurando saber se tinha alguma fórmula. Não tem. Ele atribui a duração do casamento dele às diferenças entre ele e a Lúcia. No meu caso, é o contrário, nós somos muito parecidos, de interesses, de gostos e até de pro-

lho nessa geração, chamada geração do milênio, trouxe para mim uma humildade de tentar entender. Eu sou da geração de 68; eles, meus filhos, meus netos, realmente são muito diferentes. A geração de 68 queria tudo a que não tinha direito; a atual tem tudo do que precisa e por isso se apresenta cheia de ambigüidades e paradoxos. Desapegada ideologicamente, essa turma bem de vida e de poder aquisitivo não se interessa pela política, não tem preocupações sociais e não protesta nem contesta, pelo menos na forma como faziam seus antecessores. É uma geração auto-centrada.

**J&Cia** – Quarenta anos depois, o que moveu você a escrever 1968 – O que fizemos

fissão. Não tem receita. Acho que é uma construção a dois, não é um mar de rosas. É realmente uma conquista, uma construção conjunta, você tem que ceder, dar espaço. Mas é uma coisa raríssima hoje, quando as pessoas casam várias vezes. A coisa mais comum é família com meio-irmãos.

de nós?

**Zuenir** – Minha preocupação é buscar no mundo de hoje o que nasceu ou se desenvolveu em 1968. O que teve origem nesse ano e não se perdeu no tempo? Há respostas para muitas perguntas. O movimento da periferia tem conexão com os movimentos sociais da década de 60? Que caminhos tomaram a juventude, a política e a sociedade a partir dos movimentos que tiveram seu auge em 68? Daí, investigar o que restou da herança do mais polêmico ano do Século XX. 1968 – O ano que não terminou, lançado há 20 anos e referência para o estudo da década de 60, é best-seller com mais de 40 edições

**J&Cia** – Foi a procura da herança de 68 que o motivou?

**Zuenir** – O novo livro pretende olhar um pouco para esse mundo. Não é mais sobre 68, embora 68 tenha uma espécie de sombra pairando sobre quase tudo. Mas o que eu quis foi realmente fazer um balanço do que fizemos de nós. Acho que tem uma coisa curiosa: 68 tem um legado ótimo, está presente e eu tentei correr atrás desses rastros. Até a internet encarnou esse espírito anárquico de 68. Você tem remanescentes de 68 em cada canto. Tem na direita, na esquerda, no governo, na oposição. Esse rastro está em todos os lugares.

**J&Cia** – Por que esse ano, 68, não vai embora?

**Zuenir** – É muito teimoso, não gosta de sair de cena, gosta de ficar. Eu assumi basicamente

essa busca, daquele sonho, do que aquela garotada toda sonhou. Muitos daqueles remanescentes hoje estão fazendo outras coisas mais ou menos na mesma linha. Você tem, por exemplo, **Heloísa Buarque de Holanda**, musa de 68 no Rio, hoje muito voltada para a literatura da rede e a literatura da periferia. Ela mesma acha que esse é um olhar que adquiriu em 68, uma herança.

**J&Cia** – Em seu livro você escreveu sobre o que não existia em 68 e que hoje parece imaginável. Vamos à página 117...

**Zuenir** – Os jovens de hoje têm dificuldade de imaginar que houve um tempo em que se vivia sem CD, DVD, Gisele Bündchen, bala perdida, tele-

*“No início do Século XXI, a minissaia serve não apenas para exibir as coxas. Personagens do showbizz como Britney Spears, Paris Hilton, Luana Piovani, Adriana Galisteu a usam também para mostrar a calcinha. Ou, de preferência, a ausência dela.”*



fone celular, internet (*web, site, e-mail, Google...*), alimentação *diet*, Viagra, Big Brother, mania de correr, notícia em tempo real, interatividade, iPod, Aids, medo de colesterol, medo de assaltos, grades nos prédios, *piercing*, depilação dos grandes lábios. Botox, seios turbinados, o “estarei fazendo”, anorexia, globalização, DNA, pensamento único, academias de musculação, Bill Gates, baile *funk*, controle remoto, forno de microondas, tevê em cores, tevê a cabo, garotas de programa (com este nome), shopping centers, *ecstasy* e mania de fazer

listas como esta.

**J&Cia** – Seu livro traz uma lista com as principais heranças que sobreviveram nesses 40 anos. Uma delas – a minissaia – sobrevive soberbamente (embora não seja o “legado” mais relevante, é o que vemos nas ruas todos os dias). O que você escreveu sobre essa criação econômica que se faz com menos de um metro de pano?

**Zuenir** – Nenhuma moda dos anos 60 durou tanto quanto a invenção da inglesa Mary Quant, que um dia resolveu encurtar as saias, deixando-as sete centímetros acima dos joelhos.

Para começar. Ficou rica e famosa, recebeu das mãos da rainha Elizabeth II, em 1966, a Ordem do Império Britânico – vestida, claro, de minissaia – e espalhou filiais de boutique Bazaar por centenas de cidades do mundo todo. No início do Século XXI, a minissaia serve não apenas para exibir as coxas. Personagens do *showbizz* como Britney Spears, Paris Hilton, Luana Piovani, Adriana Galisteu a usam também para mostrar a calcinha. Ou, de preferência, a ausência dela.

**J&Cia** – O que movia os jovens em 68?

**Zuenir** – Rebeldia, contestação, militância política, uma causa, impaciência, voluntarismo. Foram substituídos por fenômenos como a inapetência política... Com o fim da histó-

ria, a descrença nas ideologias e a ausência de modelos, os jovens de 2000 se voltaram para eles mesmos. A música eletrônica e as raves são a sua diversão e a internet, sua ocupação permanente.

**J&Cia** – A propósito, repórter respeitado que é, como você foi parar numa noitada rave, no meio de centenas de pessoas de óculos escuros?

**Zuenir** – Fui levado por amigos para conhecer essa moda dos novos tempos. Uma careca brilhante, a 1,81m de altura, caminhando naquela multidão deveria chamar alguma atenção, ainda mais que seu dono, o portador da calvície, estava na companhia de alguém bem diferente e que ficava alguns centímetros abaixo. Era um casal insólito. Ele, um se-

ele mesmo disse. “o brasileiro mata e morre por uma frase”. Felizmente, quem não terminou foi o Nelson Rodrigues subversivo em arte e não o reacionário em política.

**J&Cia** – O heróico guerrilheiro Che Guevara, em compensação, virou tatuagem...

**Zuenir** – Quem diria isso em 68,.. Guevara virou ídolo pop e perdeu a virulência. Um ano depois de sua morte na Bolívia, em 67, ele era um mártir, quase um santo. A foto daquele rosto carismático, barbado e cabeludo, feita por Alexandre Kor-

da, correu o mundo e tornou-se a segunda imagem mais difundida da era contemporânea (a primeira é a de Jesus). Foi parar em biquinis da modelo Gisele Bündchen e em tatuagens no braço de Maradona e no peito de Mike Tyson.

**J&Cia** – Há críticas que condenam o fato de crianças e adolescentes lerem Harry Potter. O que significa isso?

**Zuenir** – É bobagem, uma visão elitista. Acho que é um começo para esses jovens tomarem gosto pela leitura. Quando se habitua, não abandonam mais.



“Guevara virou ídolo pop e perdeu a virulência. Um ano depois de sua morte na Bolívia, em 67, ele era um mártir, quase um santo. A foto daquele rosto carismático, barbado e cabeludo, feita por Alexandre Korda, correu o mundo e tornou-se a segunda imagem mais difundida da era contemporânea (a primeira é a de Jesus). Foi parar em biquinis da modelo Gisele Bündchen e em tatuagens no braço de Maradona e no peito de Mike Tyson.”

nhor de avançada idade, ela, Anna Clara, uma gata bonita e atraente em seus 24 anos, parecendo 18. A não ser por umas poucas e amistosas brincadeiras (“Parabéns, coroa!”) passamos quase que despercebidos. Vi confirmar o que **Maria Isabel Mendes de Almeida**, socióloga, me disse um dia, que esses jovens permanecem tão voltados para si mesmos que não reparam nos outros.

**J&Cia** – E os óculos escuros?

**Zuenir** – A droga dilata as pupilas e os olhos ficam muito sensíveis, principalmente quando você é bombardeado por *flashes* e fachos de luz...

**J&Cia** — Dizem que nessas festas, o *ecstasy* corre livre, leve e solto para garantir à moçada dançar mais de 12 horas...

**Zuenir** — Acredita-se que, di-

ferentemente de outras drogas, teria um efeito apaziguador dos impulsos agressivos. Esse é um dos piores riscos que o pacífico *ecstasy* oferece, por ser uma droga limpa, tomada como se fosse um comprimido contra dor de cabeça. No entanto, os efeitos sobre o cérebro são devastadores.

**J&Cia** – Nos verbetes das mudanças e permanências desses 40 anos, aparece o escritor e reacionário **Nelson Rodrigues** como o primeiro da lista do “ano que não terminou”.

**Zuenir** – Ele resistiu tanto e tão consensualmente que corre o risco de sucumbir ao que decretou em 68: “Toda unanimidade é burra”. Amado e odiado, agora é só admirado. Continua sendo o frasista mais citado do País, até porque, como



## Cesar Benjamim: o rosto de 1968

No Roda Viva que foi ao ar no dia 14 de abril, pela TV Cultura e emissoras educativas, Zuenir Ventura experimentou do seu próprio veneno, no dizer de um dos entrevistados, ao ter de responder a algumas das mesmas perguntas que ele fez a outros personagens para escrever 1968 – O que fizemos de nós.



Entre perguntas, comentários e depoimentos pessoais, a entrevista percorreu o passado, o presente e o futuro do País, deixando no ar uma grande interrogação sobre o que move a juventude atual, que não tem, como aquela de 68, uma causa tão nítida e tão apaixonante por que lutar. A melhor resposta talvez tenha sido dada por Caetano Veloso, no depoimento que Zuenir pôs em seu livro: “para ser igual a 68, é preciso fazer tudo diferente de 68”.

Tranquilo, seguro e sereno, Zuenir lembrou que quando tinha 17 anos, muito antes de 68, a grande referência mundial era a Resistência Francesa, cantada em prosa e verso pela literatura e inspiradora das gerações vindouras, inclusive no comportamento. Mas se teve um exemplo positivo, sua geração teve também um negativo, aliás bem mais próximo de nossa realidade: a ditadura Vargas, que durante longos anos nos legou o

Estado Novo e uma grande razão contra o que lutar.

Ao ser indagado sobre quem, de todos os personagens marcantes de 68, ele considerava o grande nome, o rosto que carregou de maneira mais coerente, ao longo da história, os ideais daquele movimento, foi direto: **Cesar Benjamim**, o **Cesinha**, personagem pelo qual nutre grande respeito e que tanto em 1988 quanto em 2008, respectivamente, 20 e 40 anos depois de 68, deu nítida mostra de não ter escorregado em seus ideais e em suas atitudes. Para quem não sabe, César Benjamim começou a atuar politicamente aos 14 anos de idade, foi preso ainda menor e ficou por cinco longos anos na prisão, três deles numa solitária.

Segundo Zuenir, foram quatro os grandes eixos mundiais que, de certo modo, tiveram seu epicentro nos vários movimentos no ano de 1968: o movimento negro, a ecologia, o feminismo

e a revolução sexual. No Brasil, por força das circunstâncias da ditadura militar, houve a prevalência de outro fator, o da contestação política. Ele também chamou a atenção para o fato de ter havido um movimento planetário, com todos convergindo para os mesmos pontos em diferentes países, numa época em que não existia internet, globalização – um mistério que não conseguiu desvendar. Afirmou também que se há um ponto em que o espírito de 68 não vingou, chegando até a ser traído, foi o da ética. E o legado mais pernicioso que deixou foi o das drogas, a herança maldita daquele período.

A bancada com que Zuenir dividiu angústias, incertezas, esperanças e boas histórias reuniu, além do apresentador **Carlos Eduardo Lins da Silva**, **Augusto Nunes**, **Sidnei Basile**, **Regina Zappa**, **Bruno Fiuza**, **Maria Isabel Mendes de Almeida** e **Marco Antonio Augusto**.

(A crônica de Veríssimo, publicada em 2002 no jornal O Estado de S.Paulo, que tirou o sono de Zuenir Ventura ao suspeitar que poderia ficar mais conhecido pelas meias coloridas que usa do que por seus livros.)

### As meias de Zuenir

Luís Fernando Veríssimo (\*)

As entrevistas com os principais candidatos à Presidência da República no auditório do Globo, nesta semana, mostraram que os debates entre os quatro, na tevê, podem ser restritivos, mas não são enganadores. Soltos, com o tempo que quisessem para dar suas respostas, elaborá-las e até contradizê-las, os candidatos confirmaram o que já se sabia deles e de suas idéias depois de vê-los discutindo, em cápsulas, na tevê. A diferença é que, com tempo e sem regras rígidas, eles revelam mais sobre a sua personalidade, seu talento histriônico e poder de comunicação, sua postura e seu autocontrole – enfim, tudo que não é idéia, mas é importante.

Só pude participar das duas primeiras entrevistas, com o Serra e com o Ciro, o que significa que perdi os dois melhores “shows”, o do Garotinho e o do Lula. Tanto Serra quanto Ciro foram bem articulados e simpáticos, com vantagem para Ciro no quesito comunicabilidade, seja isso o que for. Mas nenhum dos dois conseguiu superar o mediador do primeiro dia, Zuenir Ventura, no quesito meias espetaculares.

Fiquei tentado a fazer uma pergunta tipo nada a ver ao Ciro, depois de prefaciá-la dizendo que seria pessoal, mas, por incrível que parecesse, não sobre a Patrícia. Li que, na época em que se desencantara com a política, deixara crescer a barba e se mudara para os Estados Unidos, ele decidira

também aprender a tocar saxofone. Minha pergunta seria se ele aprendera a tocar o instrumento e se achava que era hora de um saxofonista governar o Brasil, já que o saxofonista Clinton não tinha ido tão mal no governo americano – pelo menos em comparação com o seu sucessor, que não toca nada.

A intenção era sugerir que a frivolidade também é importante na avaliação dos candidatos e inspirar perguntas aos outros sobre, sei lá, sobremesas favoritas e possíveis poemas secretos. O tipo de curiosidade que nunca teve muito trânsito na política brasileira e que, se valorizada, poderia ter nos salvo de algumas surpresas desagradáveis. Quem sabe o que uma pergunta sobre gostos excêntricos teria nos revelado sobre presidentes que depois acabamos lamentando? No fim fiz uma pergunta banal, banalmente respondida.

Não sei como se saíram o Garotinho e o Lula, mas desconfio que uma rápida pesquisa da platéia no fim das entrevistas teria dado um resultado: as meias de Zuenir Ventura para presidente!



(\*) Luís Fernando Veríssimo criou a inesquecível velhinha de Taubaté, otimista e ingênua, “nascida” na ditadura, durante o governo do general João Figueiredo. Desde o seu surgimento, passou a representar a credulidade absoluta, isto é, a encarnação daquelas pessoas que não duvidam das proclamações oficiais ou que crêem piamente num líder ou num partido político. Inesquecível. Era a única pessoa que acreditava no governo.

## Os caminhos de Zuenir

- 1954 – Muda-se para o Rio e ingressa na Faculdade Nacional de Filosofia, da ex-Universidade do Brasil, hoje UFRJ, onde quatro anos depois recebe o diploma de bacharel e licenciado em Letras Neolatinas.
- 1955 – Trabalha como assistente do filólogo **Celso Cunha** na cátedra de Língua Portuguesa, na então Faculdade de Jornalismo, que se transformaria mais tarde em Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- 1956 – É redator de *A História em Notícia*, dirigida por **Amaral Netto**, publicação paradidática que tratava os acontecimentos históricos em linguagem jornalística.
- 1957 – Por indicação de um professor seu da faculdade, **Hélcio Martins**, vai trabalhar como arquivista da Tribuna da Imprensa no horário das seis da tarde à meia-noite.
- 1958 – **Carlos Lacerda**, proprietário do jornal, pede um artigo sobre Albert Camus, autor que ninguém da redação conhecia bem e de quem Zuenir gostava. Escreve e, graças ao sucesso do texto, passa a integrar a equipe de copidesques da Tribuna, sendo depois um dos secretários de Redação.
- 1959 – Ganha em concurso uma bolsa de estudos do governo francês para o Centro de Formação de Jornalistas, em Paris.
- 1960/1961 – Paralelamente aos estudos, trabalha como correspondente da Tribuna na capital francesa. Faz uma reportagem curiosa para a revista *Senhor* sobre a moda dos umbigos de fora em Saint-Tropez e, para o jornal, cobre a passagem de Jango por Paris, antes de vir assumir o poder, a Conferência
- de Paz para a Argélia, em Évian, e o encontro de cúpula entre Kennedy e Krushev, em Viena. Quando volta ao Brasil, conhece **Mary Akiersztein** na redação da Tribuna, de onde ela era repórter, e começam a namorar.
- 1962 – Casa-se com Mary. Vai para o Correio da Manhã como editor de Internacional e passa a dar aulas de Comunicação Verbal na Escola Superior de Desenho Industrial, da qual é um dos fundadores.
- 1964 – Mary vai cobrir o Festival de Cinema de Cannes para o JB, já grávida, acompanhada do marido, numa viagem providencial. A polícia procurava os dois como “subversivos”. Em Cannes, começa uma forte amizade com **Glauber Rocha**, que participava da competição com *Deus e o diabo na terra do sol*. Na volta, nasce Elisa, sua segunda filha.
- 1965 – É convidado para reformular e dirigir a redação do *Diário Carioca*. Transfere-se em seguida para a revista *O Cruzeiro*, da qual passa a ser chefe de Reportagem.
- 1966 – Dirige a redação da revista *Fatos & Fotos*.
- 1967 – Participa da concepção de *O Sol*, jornal que fazia história mesmo durando alguns meses apenas. Chefia a sucursal Rio da revista *Visão*.
- 1968 – Acompanha em Paris a mobilização dos estudantes. Tido como o articulador da imprensa do Rio para o Partido Comunista, é preso após o AI-5 e passa três meses entre o Sops, o Dops, o quartel da PM Caetano de Faria e o do Exército, em Harmonia. Divide cela com **Hélio Pellegrino**,

- Ziraldo, Gerardo Mello Mourão e Osvaldo Peralva**. No mesmo dia de sua prisão, sua mulher e seu irmão são levados pela polícia e permanecem presos durante um mês. Zuenir deixa a prisão em março de 1969 com o aval de **Nelson Rodrigues**, que conseguira junto aos militares a libertação de Hélio Pellegrino, mas este condicionou sua saída à do companheiro de cela.
- 1969 – Produz para a Editora Abril a série de doze reportagens *Os anos 60 – A década que mudou tudo*, mais tarde lançada em livro.
- 1970 – Dirige a redação do Correio da Manhã.
- 1975 – Colabora como roteirista no documentário *Que país é esse?*, realizado por **Leon Hirzsmann** para a Rádio e Televisão Italiana.
- 1977 – Troca a revista *Visão* por *Veja*, também como chefe da sucursal. Nesse período, coordena a cobertura da morte de Cláudia Lessin Rodrigues, com a qual os repórteres **Valério Mainel** e **Amigucci Gallo** ganham o *Prêmio Esso*. A equipe descobre que Cláudia não morreria de overdose, como sustentavam os assassinos, mas por causa de uma pancada na cabeça. Participa também de uma matéria de capa sobre a violência no Rio, na qual se usa pela primeira vez a expressão “guerra civil” para abordar o tema.
- 1980 – Faz uma longa entrevista para *Veja* com Carlos Drummond de Andrade, depois de décadas de silêncio do poeta.
- 1981 – Vai para IstoÉ, também como diretor da sucursal do Rio.
- 1985 – É convidado a reformular a revista *Domingo*, do *Jornal do Brasil*.
- 1986 – Edita o *Caderno B* e logo depois cria o *Caderno B-Especial* e o suplemento semanal *Idéias*, voltado principalmente para a literatura.
- 1988 – Fica afastado dez meses do jornal para escrever *1968 – O ano que não terminou*, que se torna um *best-seller*. O livro também é usado como inspiração para a minissérie *Anos rebeldes*, de **Gilberto Braga** e **Sérgio Marques**, na Rede Globo.
- 1997 – Seu livro *Cidade partida* é traduzido para o italiano com o título *Viva Rio*.
- 1998 – Abre a coleção *Plenos pecados*, da editora Objetiva, com *Inveja – Mal secreto*, livro em que, entre outras coisas, narra seu tratamento vitorioso contra um câncer na bexiga. Também escreve, a convite do caricaturista **Cássio Loredano**, *O Rio de J. Carlos* (Lacerda Editores), um longo texto seu acompanhando desenhos do cartunista.
- 1999 – Deixa o *Jornal do Brasil* e passa a assinar duas colunas: uma em *O Globo*, aos sábados, e outra na revista *Época*, inicialmente semanal e depois quinzenal. Reúne textos escritos para *Jornal do Brasil*, *O Globo* e *Época* no livro *Crônicas de um fim de século*.
- 2000 – Publica com **Heloísa Buarque de Hollanda** e **Elio Gaspari** o livro *Cultura em trânsito – 70/80*, com textos escritos nessas décadas. Com **Izabel Jaguaribe**, realiza o documentário *Um dia qualquer*, capítulo da série *Seis histórias brasileiras*, coordenada por **João Moreira Salles** para o canal a cabo GNT.
- 2003 – Passa a escrever duas vezes por semana na página de opinião de *O Globo*, deixando a coluna de sábado no *Segundo Caderno*. Deixa de escrever na revista *Época*. Volta ao Acre depois de 13 anos e, a partir do que vê, escreve a última parte de *Chico Mendes – Crime e castigo*, livro lançado pela Companhia das Letras tendo como base a premiada série *O Acre de Chico Mendes*.

### Livros do autor

1968 – *O que fizemos de nós* (2008)

*Minhas histórias dos outros* (2005)

*Vozes do golpe – Um voluntário da pátria* (2004, com **Carlos Heitor Cony**, **Luís Fernando Veríssimo** e **Moacyr Scliar**)

*As melhores crônicas de Zuenir Ventura* (2004)

*Chico Mendes – Crime e Castigo* (2003)

*Cultura em trânsito 70/80 – Da repressão à abertura* (2000, com **Heloísa Buarque de Hollanda** e **Elio Gaspari**)

*Crônicas de um fim de século* (1999)

*Inveja – Mal secreto* (1998)

*O Rio de Janeiro de J. Carlos* (1998)

*Cidade Partida* (1994)

*3 Antônio e 1 Jobim – Histórias de uma geração* (1993)

*1968 – O ano que não terminou* (1988)

#### Expediente

**J&Cia Entrevista** é um informativo produzido pela M&A Publicações e Eventos • Tel. **11-5576-5600** • Diretor e Editor Responsável: **Eduardo Ribeiro** (eduribeiro@jornalistasecia.com.br) • Editor Executivo: **Wilson Baroncelli** (baroncelli@jornalistasecia.com.br) • Coordenadora: **Célia Chaim** • Assistente: **Luiz Anversa** (luizanversa@jornalistasecia.com.br) • Projeto Gráfico e Diagramação: **Paulo Sant’Ana** (pr-santana@uol.com.br) • Circulação e Publicidade: **Silvio Ribeiro** (silvio@jornalistasecia.com.br).